

OS OLHOS DE CADA UM

*Era uma vez um conde  
e ia atravessar uma ponte...  
Queres que te conte?...*

— Não há ninguém igual. Cada um tem os seus olhos e quando se vê uma coisa cada qual a vê conforme o tamanho e a cor dos seus olhos... Tu sabes lá!... Nem eu... E a vida também nunca é igual, porque as horas vêm umas atrás das outras. E a terra dá uma volta completa todos os dias.

— Pois dá...

— Desculpa... Já estava a desviar-me. Não era isto que eu queria dizer-te. Queria só contar-te um conto...

... Ouve: Um dia saiu duma aldeia da Beira Alta um rapaz com tanta certeza no futuro que se meteu num paquete e foi para a África. A África é uma terra desconhecida, com florestas sem fim, cheias de leões, tigres, elefantes e milhões e milhões de outros animais mais pequenos: macacos, aves de cores encarnadas e amarelas; e tudo por baixo e por cima das árvores das florestas, como se fosse maravilhoso. Debaixo da terra há minas de ouro, de diamantes, de esmeraldas... A África, por dentro, é feita de pedras preciosas. Quando se faz um buraco, a certa hora e com certa inclinação, vê-se que por baixo é branca e cintilante e por cima os homens são pretos. Ora esse rapaz, que partiu com tanta certeza e tanta força e que se chamava Rodrigo, *sabia*

*tudo* por uma carta que lhe tinha deixado um tio padre que fora expulso da Igreja, porque acreditava na pedra filosofal e na igualdade de poderes de Deus e do Diabo. Esse velho vivia sempre fechado num quarto, em trabalhos misteriosos, e tinha muitos livros, alguns dos quais eram tão grandes e tão velhos que, quando ele os abria, saíam de dentro deles cobras e pássaros a voar, muito bonitos, vermelhos, azuis e amarelos...

Aquele velho já recebera uma carta quando era pequenino. Depois disso passara toda a vida a estudar e agora escrevera ele uma, quase definitiva. Tinha 100 anos, era magro, alto, de olhos brancos, e barbas como Deus nas pinturas. Costumava passear de noite pelos montes, e sentava-se em cima das pedras, a pensar. Era considerado um santo e um louco. Toda a gente tinha medo dele e certeza nas suas palavras, porque nunca tinha dito nada que não viesse a ser verdade.

Um dia, chamou o sobrinho e disse-lhe:

— Meu filho. Nunca te dei conselhos nem nunca te disse: segue este caminho ou segue aquele. Porque é melhor que os conheças todos, e escolhas. Como num dicionário tens todas as palavras, aqui tens todas as forças. — E mostrava um rolo de manuscritos amarelados que estava no fundo duma caixa de ferro. — Abre e escolhe. E tens as explicações. Nada pode falhar; tens a vida que quiseres; tens aqui tudo.

E fechou a caixa com a chave, que pôs na mão do sobrinho.

Rodrigo tinha pelo tio uma espécie de terror e de fé inexplicáveis. Saiu com o cofre a tremer-lhe nas mãos, foi fechar-se no quarto e sentiu-se esmagado por uma grande responsabilidade. Acendeu o candeeiro, sentou-se diante da mesa, abriu o cofre, desembrulhou o rolo de papéis e começou a ler. Eram duzentas folhas amareladas, escritas numa letra antiga... «Carta Verdadeira, como as tábuas de Moisés verdadeira e quebrável, etc.»

E começou a ler. Ainda teve uma hesitação. Mas continuou. Sentia uma angústia serena.

No silêncio da noite só se ouviam os ratos a roer as arcas, a roer, a rebolarem as batatas pelo sótão da casa... De vez em quando pesava um grande silêncio e então parecia que aquele casebre rangia. Depois os ratos começavam outra vez a roer, a roer, e as batatas rebolavam pelo sótão, rebolavam... Até que, de repente, Rodrigo levantou-se, e ficou imóvel diante da mesa, com os olhos ainda presos às últimas palavras da carta. Depois olhou a janela: Tinha amanhecido! Em volta dos vidros havia uma leve camada de gelo e sobre o peitoril estava uma pequena ave morta.

Rodrigo foi abrir a vidraça e pegou no pássaro, que parecia de pedra. Saiu do quarto com ele na palma da mão; e as penas, derretendo-se, queimavam-no. Foi ao quintal, abriu uma cova na terra e enterrou-o ali. Voltou para casa, dirigindo-se ao quarto do tio. Abriu a porta e viu-o sentado na cadeira, com a cabeça deitada sobre a mesa, entre os livros. Aproximou-se, com um passo seguro, e tocou-lhe no ombro:

— Já amanheceu.

Mas o tio não acordou. Então abanou-o com mais força e sentiu-lhe o corpo rígido. Estava morto.

## 2

*Arcelo, arcelo  
deita o teu cabelo  
cá abaixo de repente  
quero subir imediatamente*

Rodrigo voltou para o quarto e tornou a ler a carta. E nesse dia não comeu nem bebeu, nem falou com ninguém, nem ouvia, quando lhe falavam.

Ao pôr-do-sol saiu o funeral. Como muita gente devia favores ao sobrinho, levou um grande acompanhamento. Rodrigo voltou à pressa para casa, meteu a roupa toda na mala, deitou-se sobre a cama, cerrou os olhos para rever os sonhos e no dia seguinte, logo de manhã, partiu a caminho da

estação. Atrás ia a criada velha com a mala à cabeça e a enxugar as lágrimas. Rodrigo comprou um bilhete para Lisboa e disse:

— Senhora Marta: todos os bens que meu tio me deixou, deixo-lhos eu agora a si. Aqui, neste papel, está a minha declaração, para não ficar com dúvidas. Chame seus filhos e eles que leiam. Eu vou por esse mundo correr a fortuna. Mande todos os domingos pôr flores brancas na campa de meu tio. É a única coisa que exijo. Veja bem! Flores brancas. Querem dizer: Nada. Todos os domingos. E os seus filhos e os seus netos ficam com a mesma obrigação. Se não o fizerem, acontece-lhes uma desgraça e eu, se o souber, tiro-lhes as casas e as terras.

A velha ficou pasmada, sem compreender, com a folha de papel na mão, a olhar para Rodrigo, com uma expressão assustada e estúpida. Neste momento chegou o comboio. Rodrigo ia para a África ajuntar uma grande fortuna, porque tinha sido sempre essa a sua ambição, e agora sabia como podia fazê-lo e sabia *tudo o mais*. Naquela carta, que levava no fundo da mala, ensinava-se toda a Verdade do Mundo e da Vida, com mapas, números, pinturas e demonstrações verdadeiras. Ora com toda a Verdade na mão e com toda a ciência de a adaptar à Vida, cada um a aproveita como só sua — e de mais ninguém...

Rodrigo foi para a África, fez um buraco no chão e tirou de lá o que quis. Depois comprou um navio e um palácio em cada cidade do mundo. Mas como a ida a África tinha sido só para disfarçar, porque a carta ensinava a triunfar em qualquer sítio, Rodrigo abandonou o tal buraco da África e começou a viajar como um Imperador, sem ninguém se admirar: porque ele era o homem mais rico do mundo, o tal que tinha ido a África e encontrara uma mina de ouro, diamantes, esmeraldas, safiras. Uma mina sem fim!... (Porém, quando um dia souberam que tinha abandonado a mina, foram muitas pessoas procurá-la; e quando a encontraram não viram senão um buraco pequeno donde saiu um leão, que comeu toda a gente menos um, o qual depois ainda foi ver o buraco e viu que era só de terra e lama do leão fazer

chichi. Esse pobre homem não lera a carta dum tio filósofo. Não tinha a *chave*... Também tinha só ideias atingíveis, como Rodrigo, mas andava no mundo ao acaso, sem a *chave*, e com uma verdade que era de toda a gente.)

3

*Sol forte:*

— *prà eira é vida,*

— *prà horta é morte.*

Um dia, no reino de Inglaterra, Rodrigo viu a mulher mais bela do mundo. Desejou-a e logo ela se apaixonou por ele e lhe pertenceu. Rodrigo trouxe-a para Portugal e viveram muito felizes.

Da sua união com a mulher mais bela do mundo nasceu um filho que se chamou Pedro, e era belo como um príncipe do tempo em que os animais falavam. Pedro cresceu e era, cada vez mais, a maior vaidade de seu Pai e de sua Mãe. Passava os dias a cantar e a tocar viola, ou deitado nos braços de todas as amantes que queria ter. Era um poeta... Quando se cansava da beleza das amantes, ou da música das cantigas, ia para os montes caçar ou para a biblioteca ler, e lá passava todo o dia. Até que o pai começou a notar que ele se dedicava muito ao estudo, que tinha uma inteligência subtil, ideias como os grandes génios, enfim, que havia de ser um homem extraordinário. Então, vendo que já chegara o dia de o filho poder *triunfar* sem parecer sobrenatural, foi à caixa de ferro onde tinha guardado a carta e, chamando-o, disse-lhe:

— Pedro. Esta carta te ensinará a Verdade da Vida, com todas as suas Forças postas ao teu alcance. É tudo bem simples... Podes conseguir *Tudo* e seres tudo o que quiseres.

Pedro ficou a olhar para o pai, com uma expressão sorridente e irónica.

Ao sair desembrolhou a carta e começou a ler enquanto caminhava pelo corredor abaixo. E parou. E voltou para trás.

Foi para o quarto de dormir, fechou a porta à chave e começou, serenamente, a ler tudo desde o princípio. Pela janela entrava uma noite muito calma, com estrelas e luar. Ouviam-se as rãs a coaxar e a água a cair no tanque do jardim. Pedro, imóvel, sentado diante daqueles papéis amarelos, com o olhar parado, lia.

Durante toda a noite leu, e tornou a ler.

E leu ainda mais uma vez...

Por fim deixou cair a cabeça sobre os papéis. E não quis nada, nem morrer. Morreu.

*A certidão está em Tondela  
Quem quiser vá lá por ela.*

## O LOBO BRANCO